05 SAÚDE E AXÉ, SABERES ANCESTRAIS NO ENFRENTAMENTO AO RACISMO: HOMENAGEM ÀS YALORIXÁS DE OLINDA

Carmem Alves Cavalcanti[1]
Igor Duque Granja[2]
Diego Filipe Ramalho do Nascimento[2]
Inês de Moura Tenório[3]

[1]Secretaria Municipal de Saúde de Olinda, Olinda, Pernambuco, Brasil
[2]Centro Universitário Maurício de Nassau, Recife, Pernambuco, Brasil
[3]Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

DOI:10.37085/bookAS.14.chap5

RESUMO

O presente relato de experiência descreve a ação "Saúde e Axé: Saberes e Práticas Ancestrais no Enfrentamento ao Racismo", realizada no município de Olinda (PE), com foco na valorização das religiões de matriz africana como espaços de promoção da saúde e resistência cultural. A iniciativa homenageou 35 mulheres líderes religiosas, em alusão ao Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, reconhecendo-as como agentes de cuidado e guardiãs de saberes ancestrais. A metodologia adotada foi participativa, culturalmente referenciada e centrada no protagonismo feminino. Os resultados evidenciam o fortalecimento da articulação entre gestão pública e comunidades tradicionais, além da ampliação da compreensão sobre práticas integrativas e enfrentamento ao

racismo estrutural. Conclui-se que o reconhecimento dos saberes ancestrais contribui para práticas de saúde mais equitativas, humanizadas e culturalmente sensíveis.

Palavras-chave: Saúde da população negra, Racismo estrutural, Saberes ancestrais, Religiões de matriz africana, Equidade em saúde

INTRODUÇÃO

A saúde da população negra no Brasil é atravessada por determinantes sociais que refletem desigualdades históricas estruturadas pelo racismo, influenciando diretamente as condições de vida, adoecimento e acesso aos serviços de saúde[1,2]. Nesse contexto, a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) destaca a necessidade de reconhecer saberes tradicionais e práticas culturais como elementos fundamentais na promoção do cuidado integral e na redução das iniquidades em saúde[2].

As religiões de matriz africana, historicamente marginalizadas por processos de discriminação e intolerância religiosa, constituem importantes espaços de acolhimento, escuta, proteção social e produção de cuidado. Nesses territórios, a espiritualidade, a ancestralidade e os vínculos comunitários atuam como elementos fundamentais para a promoção da saúde e do bem-estar coletivo[3,4].

Os terreiros configuram-se como territórios de resistência cultural e produção de saúde, onde mulheres negras desempenham papel central na organização comunitária, na transmissão de conhecimentos tradicionais e no cuidado coletivo[5,6]. As Yalorixás, em especial, exercem funções de liderança que ultrapassam a dimensão religiosa, atuando como referências de acolhimento, orientação e fortalecimento das redes comunitárias.

Além disso, a valorização dos saberes ancestrais dialoga com a perspectiva ampliada de saúde defendida pelo Sistema Único de Saúde (SUS), que compreende o cuidado como resultado da interação entre aspectos biológicos, sociais, culturais e espirituais[7,8]. Nesse sentido, reconhecer as lideranças religiosas afro-brasileiras

como agentes promotores de saúde representa um passo importante para a construção de políticas públicas mais inclusivas, antirracistas e culturalmente sensíveis.

Diante desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência da ação "Saúde e Axé", realizada no município de Olinda, destacando a valorização das Yalorixás e dos saberes ancestrais como estratégias de promoção da saúde e enfrentamento ao racismo.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa, fundamentado na sistematização de uma ação desenvolvida no município de Olinda, Pernambuco, no dia 30 de julho de 2025. A iniciativa foi estruturada a partir de uma metodologia participativa, culturalmente referenciada e alinhada aos princípios da valorização da diversidade cultural e do protagonismo feminino[9].

Inicialmente, foram selecionados 35 terreiros de matriz africana do município. Nos espaços liderados por Yalorixás, estas foram automaticamente indicadas para receber a homenagem. Nos terreiros conduzidos por Babalorixás, foi solicitada a indicação de uma mulher representante da força feminina da casa, contemplando categorias como Ekedes, Yabás, Yabassés, Juremeiras e madrinhas e outras lideranças reconhecidas pela comunidade.

A programação teve início com uma mesa de abertura composta por representantes da gestão pública, profissionais da saúde e lideranças religiosas, reforçando a importância do diálogo intersetorial na promoção da equidade racial e da saúde da população negra.

Em seguida, ocorreram momentos de valorização da cultura afro-brasileira e dos saberes ancestrais, nos quais as participantes compartilharam experiências relacionadas à espiritualidade, ao cuidado comunitário e às trajetórias de enfrentamento ao racismo religioso. As manifestações culturais ocorreram de forma espontânea, promovendo o fortalecimento da identidade coletiva, do pertencimento e da ancestralidade.

O microfone permaneceu aberto para relatos livres das participantes, possibilitando reflexões sobre práticas de cuidado desenvolvidas nos terreiros, estratégias de acolhimento comunitário e desafios enfrentados pelas mulheres negras em seus territórios.

O encerramento contemplou diferentes expressões das tradições afro-brasileiras e da Jurema Sagrada, reafirmando o respeito à diversidade religiosa e cultural presente no município.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A ação "Saúde e Axé" evidenciou resultados significativos no fortalecimento do protagonismo feminino nas religiões de matriz africana. As 35 mulheres homenageadas foram reconhecidas publicamente como agentes de saúde, educadoras populares e guardiãs de saberes ancestrais, contribuindo para a valorização de suas trajetórias e práticas comunitárias.

Observou-se o fortalecimento do diálogo entre a gestão pública e as comunidades tradicionais, ampliando a compreensão institucional acerca da relevância dos terreiros como espaços de promoção da saúde, acolhimento e proteção social.

Figura 1. Mesa de abertura da ação "Saúde e Axé: Saberes Ancestrais no Enfrentamento ao Racismo", reunindo representantes da gestão pública, profissionais de saúde e lideranças religiosas.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 2. Momento de expressão cultural e ancestral durante a programação da ação "Saúde e Axé", com participação de Ogãs Alabês músicos e representantes das tradições afro-brasileiras, evidenciando a música, a oralidade e os saberes tradicionais como instrumentos de resistência, promoção da saúde e enfrentamento ao racismo.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 3. Participação das Yalorixás, Ekedes, Yabassés e demais lideranças femininas durante a cerimônia de homenagem.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 4. Momento de acolhimento e registro das participantes, evidenciando o protagonismo das mulheres das religiões de matriz africana.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 5. Fotografia oficial das homenageadas ao término da ação, destacando o reconhecimento institucional das lideranças femininas dos terreiros de Olinda.



Fonte: Acervo pessoal.

A iniciativa promoveu maior visibilidade às práticas de cuidado desenvolvidas nos terreiros, favorecendo o reconhecimento dos saberes tradicionais como componentes legítimos da produção da saúde integral.

As falas das participantes evidenciaram experiências marcadas pelo enfrentamento ao racismo religioso, pela resistência cultural e pela construção de estratégias coletivas de cuidado. Também foi identificado fortalecimento das redes de apoio entre lideranças religiosas e aumento do sentimento de pertencimento e autoestima das homenageadas.

Além disso, verificou-se sensibilização dos profissionais e gestores presentes quanto à importância da cultura afro-brasileira na construção de práticas de saúde mais humanizadas, inclusivas e culturalmente referenciadas.

DISCUSSÃO

Os resultados observados corroboram estudos que reconhecem os terreiros de matriz africana como importantes espaços de promoção da saúde, acolhimento e fortalecimento dos vínculos comunitários. Para além da dimensão religiosa, esses territórios constituem redes de proteção social que historicamente contribuem para o enfrentamento das vulnerabilidades vivenciadas pela população negra[3,4].

A experiência relatada evidencia que os saberes ancestrais presentes nas práticas afro-religiosas dialogam diretamente com a concepção ampliada de saúde defendida pelo Sistema Único de Saúde (SUS), que compreende o cuidado como resultado da interação entre fatores biológicos, sociais, culturais e espirituais. Nesse sentido, as práticas desenvolvidas nos terreiros aproximam-se dos princípios da integralidade e da humanização do cuidado preconizados pelas políticas públicas de saúde[7,8].

A valorização das Yalorixás e demais lideranças femininas mostra-se especialmente relevante diante do reconhecimento do papel histórico das mulheres negras na preservação da memória,

da cultura e das estratégias coletivas de resistência. Conforme destaca Carneiro[5], as mulheres negras ocupam posição central nos processos de enfrentamento das desigualdades raciais e de gênero, contribuindo para a construção de práticas emancipatórias em diferentes espaços sociais.

Outro aspecto relevante refere-se aos impactos do racismo religioso e institucional na saúde da população negra. Werneck[1] ressalta que o racismo constitui um importante determinante social da saúde, produzindo barreiras de acesso aos serviços, invisibilização de saberes tradicionais e desigualdades nas condições de vida e adoecimento. Dessa forma, iniciativas que promovem o reconhecimento institucional das religiões de matriz africana contribuem diretamente para a implementação dos princípios da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra[2].

A ação também demonstrou a importância da aproximação entre gestão pública e comunidades tradicionais, favorecendo a construção de políticas mais inclusivas e culturalmente sensíveis. O diálogo estabelecido durante o evento possibilitou reconhecer diferentes formas de produção do cuidado e ampliar a participação social na formulação de estratégias voltadas à promoção da equidade racial.

Assim, a experiência "Saúde e Axé" evidencia que o reconhecimento dos saberes ancestrais fortalece identidades, promove cidadania, amplia o acesso ao cuidado e contribui para a construção de práticas de saúde pautadas na equidade, no respeito à diversidade e na justiça social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência "Saúde e Axé" reafirma a potência dos terreiros como espaços legítimos de promoção da saúde, acolhimento, resistência cultural e fortalecimento comunitário. Ao homenagear as Yalorixás e demais lideranças femininas dos terreiros de Olinda, a iniciativa reconheceu a contribuição dessas mulheres para a preservação dos saberes ancestrais e para a construção de

práticas de cuidado baseadas na solidariedade, na espiritualidade e na ancestralidade.

Valorizar os saberes tradicionais é também enfrentar o racismo estrutural e religioso, fortalecer identidades e promover justiça social. O diálogo entre políticas públicas e comunidades tradicionais mostra-se fundamental para a construção de um sistema de saúde mais equitativo, inclusivo e culturalmente sensível.

Experiências como esta demonstram que a integração entre saúde, cultura e ancestralidade constitui uma estratégia potente para a promoção da equidade racial e para o fortalecimento dos princípios do Sistema Único de Saúde.

REFERÊNCIAS

1. Werneck J. Racismo institucional e saúde da população negra. Saúde Soc. 2016;25(3):535-549.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Brasília: MS; 2017.
3. Silva V. Orixás da metrópole. São Paulo: EDUSP; 2005.
4. Santos J. Os nagô e a morte. Petrópolis: Vozes; 2012.
5. Carneiro S. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro; 2011.
6. Gomes NL. O movimento negro educador. Petrópolis: Vozes; 2017.
7. Brasil. Ministério da Saúde. HumanizaSUS: Política Nacional de Humanização. Brasília: MS; 2013.
8. Luz M. Cultura contemporânea e medicinas alternativas. Physis. 2005;15(1):145-176.
9. Minayo MCS. O desafio do conhecimento. São Paulo: Hucitec; 2014.
10. Geertz C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC; 2008.